

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 124, maio / junho — 2024



BACHA & BUARQUE: PONDERAÇÕES SOBRE A ECONOMIA BRASILEIRA

Gilmar Duarte Rocha

O Brasil definitivamente não é um país para amadores. Fiquei com esse intrigante adágio na cabeça após a leitura do livro *Conversa com Bacha*, de autoria do professor, economista e confrade Cristovam Buarque (Editora Inter Saberes, 2024), que discorre sobre uma entrevista recente do autor com o seu amigo Edmar Bacha, um dos doutores em Economia que participaram da concepção e implementação do exitoso Plano Real no biênio 1993/1994, e nesse papo eles revisitam a saga econômica do Brasil desde os mais tenros tempos, atravessando o período que precede a Segunda Grande Guerra Mundial e desaguando nos incertos dias atuais.

Cristovam estrutura o livro como se fosse um jogo, com mote e glosa, atirando cartas numa espécie de mesa imaginária, sendo que cada carta contempla uma questão econômica de grande relevância onde Bacha pensa, pondera e responde; Cristovam faz a réplica opinando sobre o que Bacha discorreu, resgatando lembranças, acrescentando detalhes, pontuando o papel de outros atores da área econômica que cruzaram com os dois em um ou outro momento significativo. Às vezes, a depender da controvérsia do tema pautado na conversa, ocorre também uma tréplica, tanto da parte de Cristovam, quanto da parte de Bacha.

Cristovam Buarque e Edmar Bacha, assim como outros economistas da geração deles que fizeram história, tiveram a

educação básica, intermediária e superior aqui no Brasil quando ainda prevalecia o sistema de educação público muito bem-sucedido que se amparava na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDBEN), implementada pela equipe do educador Anísio Teixeira, que, a rigor, consolidava a Educação Nova, regulamentada pela Constituição de 1946. Munidos com um forte e consistente alicerce educacional, apesar de as faculdades econômicas do país ainda não estarem consolidadas, eles foram bem-sucedidos no aprendizado da análise da produção, distribuição e consumo de bens e serviços, e quase todos eles fizeram curso *lato sensu* em universidades norte-americanas, e todos eles, invariavelmente, com a bagagem que adquiriam, eram alocados em relevantes organismos como o Ipea, o IBGE, a FGV e a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), com sede em Santiago, Chile.

De volta ao livro, em certo trecho, Cristovam lança uma carta na mesa e pergunta a Bacha sobre a famosa dicotomia econômica levantada pelo economista Ignácio Rangel, de orientação marxista, em que ele sustentava que o novo sempre convivia com o velho, e que Bacha infere que Rangel tinha certa razão. Cristovam em sua réplica vai mais além e cita o exemplo da escravidão, que mantém o velho quando o novo (abolição) é adotado, ou seja, romperam-se os grilhões, mas os libertos não são preparados para o mercado de trabalho, por falta de uma

educação de qualidade: *“Construímos um capitalismo com exclusão, pobreza, separação social e trabalho servil, mantém-se uma última trincheira da escravidão”*, arremata Cristovam.

Em outra carta imaginária, discute-se o problema do crescimento dos países, da renda média e da riqueza. Bacha sustenta que o Brasil teve picos de crescimento da renda média (no governo JK; na década de 70), mas não se manteve por muito tempo. Estagnou-se. Ele, Bacha, considera que depois da Segunda Guerra, dos países subdesenvolvidos, apenas a China subiu o sarrafo, mesmo assim com muita coisa a se questionar. Cristovam vai mais além: ele diz que ao Brasil faltou investir no tripé educação, ciência e tecnologia, e reforça: *“Falta-nos, entretanto, além de educação, ciência e tecnologia, redefinirmos o conceito de riqueza para irmos além da renda média e incorporarmos o conjunto das variáveis que formam o bem-estar: civilidade, acesso de todos aos bens e serviços essenciais e distribui-*

Continua na pág. 2

OBRA
RESSUSCITADORA

Enéas Athanázio

PÁGINA 7

ção de renda; educação como meio e propósito, sustentabilidade, cultura, urbanidade...”

Noutro lance, os dois economistas debatem por que a Coreia do Sul deu certo no pós-Guerra e o Brasil, não. Bacha enfatiza que o Brasil deu muita ênfase à industrialização desenfreada, a substituição de importações pura e simples, e se esqueceu de outras variantes importantes a que os países asiáticos, em especial a Coreia do Sul, deram atenção. Cristovam logo deduziu, muito brilhantemente, quais foram essas lacunas: limites ecológicos ignorados, desprezo ao bem-estar, desentendimento de suas causas e desconsideração da pobreza e da desigualdade, descuido com o avanço ecológico e com a globalização, desconsideração da importância do valor da moeda; ignorar o esgotamento do estado e ignorar o vetor educacional. Bacha toma a palavra e ainda alerta para o fato de que, apesar de estarmos com a ideia fixa em substituição de importações, em 1964 a exportação de café ainda representava 50% dos nossos ganhos na balança comercial e Cristovam faz um adendo, alertando que o salto da renda média para a renda alta depende da quebra de três paradigmas brasileiros: olhar para dentro, depender sempre do estado e não valorizar a educação.

Há um trecho interessante em que Cristovam pergunta a Edmar Bacha quem é o culpado pelo processo de estagnação do nosso desenvolvimento. Bacha simplesmente retruca: *“Outra maneira de colocar seria: foram os interesses ou foram as ideias? Eu acho que foram os interesses. Uma elite muito ruim. Temos um país relativamente grande para ela, e ela se apropriou do estado, tanto de fora dele para dentro quanto de dentro dele para fora... A abertura comercial não é adotada porque não atende aos interesses da*

elite.”

Bacha retira uma carta da mesa que faz alusão ao enferrujado sistema de arrecadação brasileiro (quicá mude alguma coisa com essa prometida reforma tributária de 2024 – essa nota é minha). E ele tem razão quando afirma que o nosso processo arrecadatório é a coisa mais imóvel deste mundo. Que não quer tomar riscos de perder divisas, que vem na sua maioria da área produtiva e da combatida classe média.

Na réplica, uma opinião de Cristovam que vale reproduzir: *“As ideias atrasadas ficaram de fora na lógica do avanço nacional e do interesse nacional, mas estão de acordo com os interesses dos indivíduos que as controlam e se beneficiam delas... são fósseis vivos...”*

Quando em outra etapa do certame discute-se o programa de renda mínima, que a depender do governo de plantão muda apenas o invólucro, sendo que o conteúdo permanece inalterado. Sobre esse tema Bacha alude que o Brasil adotou o sistema que funciona parcialmente com êxito na Índia (ancorado no crescimento do PIB, principalmente) e diz que o Brasil necessita de outras ideias ou de medidas complementares para resolver o problema da pobreza crônica. Cristovam ressalta que *“... é preciso buscar novos indicadores que: substituam o PIB como indicador de riqueza; que vão além da distribuição de renda para erradicar a pobreza; e, no lugar de distribuir renda para que os pobres transformem necessidade em demanda, proponham aumentar a oferta e garantir o acesso dos pobres a bens e serviços que atendam às necessidades essenciais.”*

Com essa última citação, Cristovam pega o fio da meada ou descobre um pedaço do mapa da mina, pois o que se

Continua na pág. 3

Soneto do Mês

NATAL DE UM MENINO POBRE

Alcides Ferreira

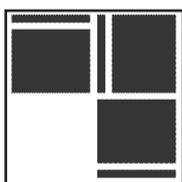
Fui menino e você, Papai Noel,
não pôs presentes nos meus [sapatinhos!...
No entanto, aos muitos outros [garotinhos
você dava brinquedos a granel.

Muitos dezos vi, bebendo o fel
de uma infância deserta de carinhos,
enquanto os meus amigos e vizinhos
das flores do Natal serviam o mel.

Você, que eu via em todos os recantos
da cidade, tão meigo para tantos,
não teve, para mim, um gesto nobre!

Porém, o seu desprezo eu justifico:
você só gosta de menino rico...
você não gosta de menino pobre!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 124 – maio / junho 2024

Editor
Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Revisão
Napoleão Valadares

Conselho Editorial
Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho
Programação Visual
Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.
SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

ÁGUAS CLARAS

Ronaldo Cagiano

Isso aqui virou uma cidade. O Plano Piloto já não comporta mais a classe média, que se vê obrigada a optar pelos condomínios irregulares ou por essas cidades planejadas que vão surgindo. A capital do Brasil inchou e vai cuspidando sua gente. O cinturão verde da pátria não há mais. Está acorrentada pela miséria que a circunda. Gente que chega todo dia, se espalha pelas invasões, que viram assentamentos, que viram cidades, que viram o quê? Território sem água, sem esgoto, sem asfalto e sem lei. Conglomerado de

frustrações acumuladas, *res nullius, res derelicta,*

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.

Juscelino está falando de quê?

Da utopia irrealizável, do que foi pensado e sonhado e do que fizeram do

sonho. A cidade que sacudiu o gigante adormecido não deu respostas às utopias dos que a ergueram. Quem fez a cidade está ao largo. Os que não, os que se aproveitaram, estão no Lago.

Torrentes de palavras se sucedem na boca de um bêbado que circunvizinha a estação, trocentos pensamentos inconclusos.

Tudo era possível nessa cidade que nascia contra a solidão erma do Centro-oeste, inclusive os excluídos acreditaram numa utopia.

.....
Continuação da pág. 2

aplica no Brasil até hoje é a doutrina de Keynes da interferência do estado como motor propulsor do alavanque de uma economia emperrada e apenas isso. Falta a outra metade da laranja. O método de Keynes puro e simples funcionou espetacularmente nos Estados Unidos da década de 30, quando a economia foi assolada pela crise da derrocada da Bolsa de Valores de Wall Street, bem como outros fatores negativos que vieram a reboque como o *Dust Bowl*, um desastre da natureza que devastou praticamente as áreas produtivas agrícolas do meio oeste americano. É nesse cenário que entra a doutrina de Keynes e que o governo americano adota até o pós-Guerra, quando a economia do país se estabiliza. Em 1936, Keynes escreveu uma de suas obras mais conhecidas, *a Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*. Em vez de repetir o mantra da maioria dos economistas de então de que o estado não deveria interferir na atividade econômica em hipótese alguma, o economista britânico afirmou que, naqueles momentos em que a economia está à beira de um colapso, políticas estatais deveriam contribuir como indutores do investimento. Keynes tem a sua parcela de contribuição na recuperação americana; na implementação do *New Deal*, uma série de medidas que o governo Roosevelt criou visando a alavancar a engrenagem da economia que andava emperrada.

Bom, chegou a hora de jogar o curinga na mesa, a carta mais atrativa do livro na minha concepção, que é a implantação do Plano Real, um marco definitivo da economia e da inteligência brasileira.

Aconteceu que a ditadura bateu retirada em meados da década de 80, deixando no seu rastro muitas contribuições na infraestrutura do país, mas também uma série de problemas de tão ou maior proporção, como uma dívida externa imoral, a degradação do ensino público, a paralisia da saúde, a estagnação do emprego, o esmagamento da cultura e uma inflação estratosférica, que corroía a renda e os salários dos mais pobres, ano após ano.

O primeiro governo da área democrática, conduzido sob a batuta de José Sarney, bem que tentou estancar a sangria que a hiperinflação provocava na economia, editando um plano macroeconômico atrás do outro: um que criava uma nova moeda, o Plano Cruzado, outro chamado Plano Cruzado Novo, que desvalorizava a moeda mais uma vez, o Plano Bresser, o Plano Verão, todos muito bem intencionados, mas que não atendiam o objetivo: controlar os gastos públicos, conter a forte inflação e renegociar a dívida externa. Veio na esteira do governo Sarney o primeiro governo eleito democraticamente, Fernando Collor, que editou planos mirabolantes e mais duas novas e fracassadas moedas, que degradaram sobremaneira o combalido cená-

rio econômico brasileiro. Aí entra aquela perguntinha curinga que Cristovam faz a Edmar Bacha: como foi a construção do Plano Real?

Bacha, um dos mosqueteiros que compunham a equipe escalada por Fernando Henrique Cardoso, o então ministro da Fazenda do governo Itamar Franco (que sucedeu a Collor por motivo de impeachment), responde sucintamente que o Brasil hiper inflacionário estava com a economia indexada há décadas por uma infinidade de índices, impossível de controlar em quaisquer circunstâncias. Eles resolvem criar um índice único, o URV (Unidade Real de Valor), que passa a metrificar os preços macroeconômicos, inclusive salários, e que na sequência serve de lastro para a criação da nova e auspiciosa moeda, o Real, que teve paridade inicial com o dólar (1:1) e que, apesar de atravessar furacões e tempestades, continua de pé ainda hoje.

Conversa com Bacha é um livro relativamente parco (124 páginas) quando se trata de uma obra que aborda teorias econômicas. Mas Cristovam foi cirúrgico e, como que munido de uma alça de mira e de uma pinça afiada, ele compilou todas as questões relevantes de uma forma clara, didática e dinâmica em um texto curto e leve, ao alcance de leigos e neófitos em ciências econômicas, logicamente contando com a preciosa ajuda do seu amigo Edmar Bacha.

QUEM FOI O ENGRAÇADINHO?

Marcelo Torres

Jogadores de futebol são tratados e retratados como se não fossem pessoas de carne, osso e pescoço. Nós fazemos tanta idealização desses semideuses que muitas vezes os condenamos por uma falta bobinha de nada, sem peso algum na vida social e esportiva, cometida quase sempre por pura precisão, como uma necessidade fisiológica, por exemplo.

Ainda assim, no admirável mundo de chuta-bola, esse universo repleto de causos e lendas, nunca antes tínhamos ouvido falar que um simplório (porém humaníssimo) gás intestinal silencioso, expelido no meio de uma preleção proferida pelo treinador de um clube, em véspera de jogo pelo campeonato brasileiro, pudesse fazer um time favorito ao título perder para um adversário candidato ao rebaixamento.

E, no entanto, aconteceu. Foi no campeonato de 2011, numa peleja entre o Clube de Regatas Flamengo e o Esporte Clube Bahia, no estádio Engenhão, no Rio de Janeiro. Ao apito final, os anfitriões perderam a peleja, e sabe qual foi a causa apontada por setores da imprensa esportiva para o revés rubro-negro? Um mero, um mísero, um ínfimo flato que um filho de Deus soltou no centro de treinamento do time carioca, curiosamente conhecido como Ninho do Urubu.

Naquele sábado, 4 de setembro de 2011, o então treinador do Flamengo, professor Vanderlei Luxemburgo, dava sua aula magna na grande lua do campo de treinamento. Era a preleção de praxe, em véspera de jogo, mas, justo no momento em que ele falava sobre como seria a postura de cada atleta em campo, um dos ouvintes, sem querer, deixou escapar aquele gás silencioso, e este espalhou um cheiro não muito poético pelo círculo central do gramado.

Os pupilos, se esforçando para não rir, pois sabiam que o mestre não iria gostar necas de nada, ficaram com aquela cara de “não fui eu”, se repelindo uns dos outros, como se todos estivessem fedidos. Uma parte deles tapava as narinas com os dedos fura-bolo e mata-piolho, enquanto a outra balançava as mãos a meio palmo do nariz, simulando abanar a

ventosidade malcheirosa. Àquela altura, a preleção e a vaca tinham ido já para o brejo, quer dizer, ninguém mais conseguia prestar atenção nas sábias palavras do professor, que acabou trilando o apito e encerrando de forma brusca e precoce a egrégia aula futebolística.

Treinador com mais títulos de campeão brasileiro no currículo, porém com passagens não tão vitoriosas pela seleção canarinho e pelo Barça, da Espanha, Vanderlei Luxemburgo ficou furo da vida com o flato, tomando aquilo como um ato de rebeldia, verdadeiro atentado à disciplina e, mais que tudo, o maior desrespeito à sua autoridade de comandante. Ora, dizia ele, não podia o cidadão esperar o final da atividade, dali a poucos minutos, para enfim liberar seus gases? Ou, caso fosse coisa urgente urgentíssima, não podia o elemento pedir licença para ir ao banheiro e, lá chegando, soltar quem estava preso?

Os pupilos se seguravam como podiam para não rir, enquanto o mestre dizia que aquilo era uma coisa inconcebível, que aquilo não podia acontecer, que não estavam em nenhum jardim de infância, que todo mundo ali precisava ter foco, precisava ter profissionalismo, precisava saber o momento conveniente de cada coisa, para não desviar a atenção, porque em tudo na vida você tem que ter foco, ainda mais no futebol de hoje em dia, que quase sempre é decidido em um... em um... em um detalhe.

— Quem foi o engraçadinho?

O professor, até então visto como boa praça, aquele que tinha o grupo na mão, que falava a língua dos boleiros e coisa e tal, agora se via sério, seriíssimo, irritado como nunca, pior até que Dunga quando levou um chapéu de Ronaldinho Gaúcho (este, aliás, também fazia parte do elenco rubro-negro naqueles dias, mas, em tratamento médico de uma lesão, não estava no gramado na referida conferência).

Com dois ou três minutos, o cheiro já havia passado, mas o clima, contudo, continuava chato, porque o treinador exigia que o engraçadinho fosse homem e honrasse as calças que vestia, confessando o seu ‘delito’ e pedindo desculpas

a todos. O fato, porém, é que, exceto o próprio autor do traque, ninguém sabia quem era o pai da criança — e, mesmo que algum deles soubesse, a verdade é que ninguém iria dar com a língua nos dentes, pois boleiro que é boleiro não dura companheiro.

No dia seguinte, jogo quatro da tarde, estádio quase vazio, o Flamengo precisava da vitória para continuar no G4, o grupo de quatro equipes que, ao final da competição, são classificadas para a disputa da Taça Libertadores da América. Já o Bahia, que no início da temporada havia amargado um modesto terceiro lugar no campeonato baiano, estava beirando a Z4, como é chamada a temida zona de rebaixamento, o quarteto de clubes que caem para a segunda divisão.

— Quem foi? — a voz do comandante ficou ecoando até minutos antes do jogo, só que ele agora, a meio sorriso, dizia não estar com plano de punir ninguém, só queria tomar conhecimento, inclusive para saber se o atleta reunia condições de jogo, vai ver estava com algum problema no estômago, e assim poderia ser poupado da peleja. Porém, o autor do gás problemático não rugiu nem mugiu, certamente desconfiado da real intenção do treinador — então o próprio pai da criança fez boca de siri, ficando caladinho da silva, que ele não era besta nem peixe, pois peixe é que morre pela boca.

Agora, quem se entregou mesmo foi o time carioca, que levou três gols ainda no primeiro tempo e perdeu a peleja. O Bahia fez 1 a 0 com Titi. Renato Augusto empatou, mas logo os visitantes fizeram 2 a 1 e 3 a 1, em gols de Dodô e Souza. Resultados: com a derrota, os donos da casa caíram várias posições na tabela, saindo do G4, enquanto os visitantes, com os três pontos, aliviaram um pouco a pressão contra a zona da degola.

Aí vieram as manchetes pós-jogo: “Novo vexame no Engenhão”, estampou o jornal *Correio Braziliense*. “Domingo vergonhoso”, titulóu *O Globo*. “Luxa se irrita com ‘pum’ e clima azeda no Flamengo”, saiu no portal noticioso UOL. “Brincadeira escatológica revoltou Luxembur-

Continua na pág. 5

1599-1899: UM PARALELO DE GIGANTES

Fabio de Sousa Coutinho

Com intervalo de exatos 300 anos, duas das maiores construções literárias da humanidade foram trazidas a lume: em 1599, a grande tragédia *Hamlet*, do inglês William Shakespeare; em 1899, o romance realista *Dom Casmurro*, do brasileiro Machado de Assis.

A separá-las, além da distância temporal de três séculos, os idiomas em que foram escritas, os gêneros característicos de sua elaboração. A uni-las, a indisputada genialidade de seus autores, a certa e justa consagração para a eternidade, o enfrentamento, no mais alto grau de indagação filosófica, do problema existencial traduzido na dúvida.

No *Hamlet*, Shakespeare manifestou, pelas palavras de seu fascinante e fascinado Príncipe da Dinamarca, o enigma que perpassa a própria essência de nossas vidas: ser ou não ser, eis a questão (“To be or not to be, that is the question”). No *Dom Casmurro*, o bruxo do Cosme Velho, a cuja obra, se faltam pujança e paixão, sobram estilo e viva observação psicológica, pôs sua personagem Capitu no centro de dilema que consiste em haver ocorrido, ou não, traição conjugal ao marido Bento Santiago, o Bentinho.

Inventor do humano, “deus mortal”, na expressão-síntese de Harold Bloom, William Shakespeare conquistou, na história da civilização ocidental, o lugar mais marcante a que pode almejar um homem de letras. Trabalhador incansável, a produção do bardo, em 1599, não se limitou à construção do visceral *Hamlet*. São, também, daquele ano outras três de suas mais famosas peças: o drama histórico *Henrique V*, a tragédia de aprendizado *Júlio César* e a alta comédia *Como gostais* (“As you like it”). Tinha Shakespeare, então, precoces e impressionantes 35 anos de idade. Nascido em 1564, viria a falecer em 1616, aos 52, numa faixa etária que não discrepava dos padrões estatísticos de mortalidade, na era elisabetana.

O carioca Joaquim Maria Machado de Assis era um provento cidadão de 60 anos, Presidente da mais importante instituição cultural do País (que fundara em 1897), quando concluiu seu célebre romance, hoje rigidamente incorporado ao imaginário brasileiro e respeitado, à unanimidade, pela crítica internacional. Num livro precioso, *A Biblioteca de Machado de Assis* (ABL/Topbooks, Rio de Janeiro, 2001), organizado por José Luís Jobim, é possível comprovar, sem esforço, a sólida

presença de William Shakespeare na inspiração e na fatura machadianas. Leitor ávido, nosso maior escritor recorria aos textos poéticos e teatrais do incomparável dramaturgo em sucessivas traduções francesas, editadas em dez volumes pela Librairie Hachette, entre 1867 e 1873.

Dono de fino humor e agudo senso de investigação anímica, Machado, a partir da influência shakespeariana, antecipou muitas conquistas modernistas, além de plantar sementes conceituais que Sigmund Freud mais tarde formalizaria em tratados magistrais.

Os emblemáticos *Hamlet* e *Capitu*, criações raras vezes igualadas na literatura universal, são frutos, com 300 anos de diferença, da mesma árvore esplendorosa que enseja a continuidade da arte literária, *per omnia saecula saeculorum*. As dúvidas que encerram obras como *Hamlet* e *Dom Casmurro* são o que de mais denso se imaginou sobre as circunstâncias que movem e atormentam as criaturas humanas. Shakespeare e Machado de Assis, ao plantá-las com estética indelével, nos ensinam a capacidade de lidar, de modo consciente e maduro, com a falta de sentido do mundo, a inexorabilidade de nosso destino, a ideia de quem somos e de que, na vida, não há coincidências.

Continuação da pág. 4

go”, dizia o G1. “O técnico teria se irritado com os atletas após um deles ter soltado um ‘pum’ na preleção no treinamento de sábado”, informou a página das Organizações Globo. “A péssima atuação do time no revés de 3 a 1 para o Bahia pode ter sido consequência da rusga entre o comandante e seus atletas”, concluiu o G1.

Já em Salvador a conversa foi outra, muito outra. Ainda que a briga do Bahia fosse para não ser rebaixado, os diários soteropolitanos fizeram uma folia dos diabos, um carnaval fora de época: “Esquadrão da alegria”, exaltou o jornal *A Tarde*. “Pagodão tricolor”, festejou o *Correio*. “Rumo a Tóquio”, empolgou-se a *Tribuna*. Quer dizer, os jornais da Boa Terra não estavam nem aí para o pum ocorrido na véspera e que teria empes-

teado o ambiente no Ninho do Urubu. E se não falaram em pum é porque baiano que é baiano jamais usa essa palavrinha, um eufemismo para aliviar o palavrão. Na terra-mãe do Brasil, quando o escapamento é estrondoso, o nome é aquele nacionalmente conhecido como peido, mas quando o gás sai que nem o do Ninho do Urubu, sem som, mas com certa fúria no odor, o nome vem a ser simplesmente bufa.

Para não me deixar mentir, o escritor Jorge Amado, por exemplo, que torcia pelo Ipiranga, em dado trecho do romance “Tocaia Grande” falava sobre o “mau cheiro das bufas”. Já João Ubaldo Ribeiro, torcedor do Vitória, no seu livro “O albatroz azul”, se queixava de “uma bufa de mula”. Aliás, o próprio Ubaldo, amicíssimo de Glauber Rocha, contava que o au-

tor de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” era uma pessoa absolutamente insuperável na arte de peidar. Quando caceteado, em reuniões entediadas, o cineasta, segundo seu grande amigo, “soltava uma bela e sonora bufa”, fazendo com que todos fugissem, e acabasse a reunião, pois não ficava um filho de Deus sequer para fazer a ata.

Por isso, assuntando bem, o engraçadinho que soltou a bufa — querendo não só acabar a reunião de Luxemburgo, como fazer o Flamengo perder a partida — só pode ter sido ele, Glauber de Andrade Rocha, “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”. Porque Glauber, embora fosse baiano, torcia pelo Botafogo — e foi casado com Helena — portanto, não era Flamengo nem tinha uma nega chamada Tereza.

A PEQUENA SOL

Flávio R. Kothe

Após ter furtado o lenço do meu bolso e ter mamado nele como se fosse chupeta, a pequena Sol estava dormindo entre as minhas pernas no sofá da sala, enquanto eu lia o último volume dos *Cadernos Negros* de Heidegger. Minha filha havia inventado esse nome para a filhote de mini Dachshund. Se a cachorra anterior era uma samoieda branca chamada Luna, havia boa razão para sua sucessora se chamar Sol. Ela brilhava entre nós. A decisão foi acatada por todos, inclusive pela “ratazana implementada”, como meu filho teimava em chamá-la enquanto cuidava dela. Como a minha idosa mãe estava muito fraca, eu me desliguei dessa adoção, sem perceber que já havia sido adotado.

Wilhelm von Humboldt dizia que os animais não têm fala porque eles nada têm a dizer. Heidegger citava isso, endossando sem nenhum protesto. Os dois não faziam mais que repetir a tradição teológica cristã, para a qual apenas os humanos têm alma e, portanto, fala. Ora! Nietzsche havia feito a maldosa observação de que, dos antigos gregos, só haviam restado as obras feitas pelos seus raros gênios: a grande massa das pessoas tinha, portanto, apenas corpo, sendo a “alma” imortal reservada aos raros gênios, cuja obra tivesse sido preservada. Alzheimer mata a “alma” de corpos que podem estar plenos de vitalidade.

Pousei o livro sobre o peito, o dedo marcando a página, e espiei a pequena Sol dormindo profundamente, com o queixo apoiado na minha perna. A respiração pausada foi se tornando inspiração para fazer o mesmo que ela. Fiquei olhando para a mocinha em sua inocência e tranquilidade. Após a morte de Luna, eu não queria que se arranjasse outro cachorro. Quando descobri, minha companheira havia arranjado essa filhotinha, presente de uma aluna.

Citei Kant: “democracia é a tirania da maioria sobre a minoria”. E acrescentei: ele esqueceu de dizer que aristocracia e monarquia são a tirania da minoria sobre a maioria. Afinal, ele era a favor do déspota esclarecido porque era favorecido por um. Ao acrescentar que não

há déspota que seja esclarecido, mesmo sendo erudito, percebi que, vendo o meu filho também andar com a cachorrinha no colo, eu era a minoria derrotada.

Minha companheira dizia que a cachorrinha era destinada à irmã, cujo pet havia morrido há pouco. Trouxe a mini para levar à irmã (eu sabia que ela estava mentindo, fingi acreditar), mas daí veio o parecer do veterinário de que não seria prudente colocar uma filhotinha no mesmo pátio usado por um cão que falecera há pouco de um vírus. Fui, assim, derrotado pela história. Na dialética dos fatos, a cachorrinha me adotou como amo e senhor, patrão dileto, master. Agora ela estava aí, deitada entre as minhas pernas no sofá, dormindo o sono profundo dos justos.

Reabri o livro e continuei a ler o texto final do maior filósofo do século passado. Eram cansativos esses grandes pensadores. Eu recém havia posto de lado mais um volume das aulas de Derrida, tão volumoso que eu temia morrer se pegasse no sono folheando centenas de páginas que não tratavam do mais relevante que seus títulos propunham. Os americanos nunca haviam produzido grandes filósofos e, quando passaram a dominar as metrópoles coloniais europeias, pareciam ter enchido de vazio até países que haviam produzido bons pensadores. Era como se tivesse havido um genocídio em massa de neurônios. Nós, como colonizados, tínhamos na subserviência nosso pecado original.

Eu quase tinha morrido um mês antes por uma dengue hemorrágica. Na UTI, eu estava tão sem forças, como se a cama já fosse a barca que me levava pelo Estige. Talvez a cachorrinha tivesse uma estranha sensibilidade e estivesse me dando uma força, como a recolher de mim os remanescentes da doença. Os restos latentes me deixavam fraco, com dificuldade de ler textos mais pesados e densos.

A pequena Sol continuava com a cabeça apoiada em minha perna. Dava um grande cansaço vê-la dormindo assim. Pousei o livro no peito quando a ouvi grunhindo e se mexendo como se sonhasse. Ela passou a latir levemente, pelo nariz, sem abrir a boca. Deu uma dúzia de pe-

quenos grunhidos, esboços de latidos. Daí continuou a dormir em silêncio. Estava tranquila e transmitia profunda vontade de preguiçar.

De repente, senti a pequena Sol se movimentar, como costumava, caminhando sobre o meu ventre e o meu peito para ficar sorrindo perto dos meus olhos. Era difícil manter os olhos abertos, mas me ouvi dizendo:

– Mocinha, você estava sonhando há pouco. Qual foi o seu sonho?

– Sonhei que encontrava minha mãe, na casa em que nasci.

– Você estava latindo, como quem se mete numa briga.

– Dois irmãos meus que estão com ela não gostaram que eu aparecesse, mas não deixei se meterem comigo. Lati de volta.

– Daí sua mãe se meteu para vocês deixarem disso...

– Foi, mas daí ela passou a desaparecer. Eu chamei, ela voltou com duas pernas e dois braços, uma mulher me pegou no colo.

– Na vida acontecem mudanças de repente, que não podemos evitar, mas temos de aprender a viver com elas, mesmo sem conviver.

A cachorrinha ficou me olhando, espantada que eu tivesse alguma coisa a dizer que não fossem ordens berradas. Eu estava intrigado com a assertiva de que os animais não têm fala porque nada têm a dizer. Fiquei olhando para a cachorrinha de olhos espertos e perguntei diretamente:

– É verdade que vocês, animais, não têm fala porque não têm nada a dizer?

– Nós temos muito a dizer, mas vocês não têm ouvidos para ouvir. Vocês não querem escutar o que temos a dizer, querem apenas nos criar e depois matar e comer.

– Você não vai ser comida aqui! Ganha comida sem trabalhar!

– Eu trabalho muito, dia e noite. Cuido da casa, dou atenção a vocês. Se a fome um dia bater para valer, vou ser sacrificada.

– Então dizem esses cristãos que vo-

cês não têm alma porque eles acreditam, como os judeus e outros, que Deus criou tudo e todos para que o homem possa usar e abusar.

– O que temos a dizer não é honra para os humanos. Vocês destroem florestas e campos que temos para viver,

matam fingindo não matar. Vocês criam animais domésticos, fingindo que cuidam deles, para matar cada um assim que lhes for conveniente. Eu vejo e calo.

Senti então que a pequena Sol se movimentava mais uma vez. Pisquei, olhei ao redor, o Sol brilhava lá fora e a

pequena Sol brilhava cá dentro. Ela bocejou e ganiu como se falasse. Ficou me olhando, inclinou a cabeça na minha perna e cerrou novamente os olhos, como se me dissesse:

– É tão bom não precisar falar!

OBRA RESSUSCITADORA

Enéas Athanázio

E screveu alguém que o biógrafo é um ressuscitador, trazendo a público alguma pessoa que se encontrava esquecida e cuja existência contribuiu de alguma forma para a vida social. A biografia, gênero menosprezado por longo tempo em nossas letras, é um trabalho penoso, exigindo incontáveis leituras e pesquisas de toda ordem, ainda mais quando o biografado teve uma vida ativa e exerceu atividades variadas. Ao decidir biografar Godofredo Rangel, o mais assíduo correspondente de Monteiro Lobato, senti na pele as dificuldades, ainda mais num país cujos arquivos são em geral precários e mal organizados.

Jornalista e escritor mineiro, Regis Gonçalves prestou inestimável contribuição às letras nacionais e praticou um ato de justiça ao abordar a vida e a obra de Lúcia Machado de Almeida, em “Uma vida quase perfeita”, em livro publicado pela Editora Conceito, na série Beagá Perfis (Belo Horizonte – 2020). Trabalho minucioso, rico em elementos informativos e iconográficos, reconstitui com precisão a existência de uma escritora célebre em seu tempo e que alcançou a tiragem ímpar de um milhão de livros em circulação, feito só atingido por raros escritores brasileiros.

Filha do coronel Virgílio Machado, catarinense de São Francisco do Sul que se transferiu na juventude para o Vale do Rio das Velhas, em Minas Gerais, por razões pouco esclarecidas, Lúcia Machado de Almeida (1910/2005) nasceu e se criou na Fazenda Nova Granja, onde desfrutou de uma juventude livre e em contato direto com a natureza. Estudou em colégio de freiras francesas, na capital mineira e desde cedo revelou inclinação para a escrita, identificando-se com a literatura infanto-juvenil, gênero em que obteve ini-

gualável sucesso. Dominou a linguagem adequada para atrair o seu público e seus livros atingiram vendagens surpreendentes em termos brasileiros. Produziu com abundância, derivando para outros gêneros, como crônicas de viagens, memorialismo, aventuras e temas históricos, sempre com êxito. Personagens por ela criados obtiveram grande notoriedade, como a borboleta Atíria, Xisto e Spharion que povoam suas obras. Os roteiros de viagens a Sabará, Diamantina, Ouro Preto, ao Alto Minho, em Portugal, e das cidades históricas de Minas se tornaram amplamente conhecidos, ainda mais que ela se aprofundou no estudo da arte barroca e ministrava lições a respeito. Sempre que se dedicava a certo assunto, mesmo na ficção, ela se aprofundava em pesquisas e estudos, chegando mesmo a importar obras específicas do Exterior. Assim foi com o fundo do mar, os mistérios do polo, as viagens de Marco Polo, as lendas, o espaço aéreo, a história de Morro Velho, os asteroides etc. Sem pretensões didáticas, ministrava excelentes aulas aos leitores.

Transferindo-se para Belo Horizonte, foi como se o peixe Lúcia caísse no oceano. Além de produzir sem cessar, livros e mais livros, ensaios e artigos, entrevistas e manifestações, palestras e aulas, cultivou imenso rol de amigos das áreas das letras, das artes plásticas e das atividades culturais em geral. Casou-se com Antonio Joaquim de Andrade e Almeida. Durante anos viveram no prédio conhecido como Castelinho, em plena Praça da Liberdade, mais tarde substituído pelo famoso Edifício Niemeyer, projetado pelo célebre arquiteto e erigido por iniciativa de Lúcia. Tempos depois o casal se transferiu para São Paulo onde ela, mineira até a alma, padecia de constante “*l'étrange amour d'absense*” (estranho amor da ausência). Mas o reconhecimento chegava e

sua obra era louvada pela melhor crítica, os prêmios e distinções chegavam, inclusive do Exterior. Como diz o biógrafo, ela estava no topo e colhendo os frutos.

Lúcia se revelou desde cedo exímia conhecedora da psicologia infantil, fato que contribuiu de maneira efetiva para o sucesso de seus livros. Tinha plena consciência de que sua obra influenciou na evolução da literatura para crianças com a criação de cursos universitários e outras iniciativas que a divulgaram. Não obstante, reconhecia que Monteiro Lobato fora o verdadeiro criador da literatura para crianças em nosso país.

A escritora era irmã de Anibal Machado e do político Cristiano Machado, além de tia da dramaturga Ana Clara Machado. Anibal é considerado um dos maiores contistas nacionais, autor de obra pequena mas de elevado nível, na qual se destacam os contos “A morte da porta-estandarte” e “Viagem aos seios de Duília.” Ambos obtiveram intensa repercussão, foram comentados, transcritos e filmados. As reuniões literárias em sua casa, em Ipanema, se tornaram conhecidas em todo o país e frequentadas por escritores e artistas de todos os gêneros. Faleceu aos 60 anos de idade. Já Cristiano Machado não teve a mesma sorte. Lançado candidato à presidência da República teve o azar de disputar e ser derrotado por Getúlio Vargas. Segundo se dizia, e o biógrafo confirma, ele foi traído por seu próprio partido, o velho e conhecido PSD, mandando votar no caudilho gaúcho enquanto o mineiro recebia pífia votação. Ele foi “cristianizado”, termo que se criou para designar vítimas de traição. Comentava-se em Minas que ele ficou tão abalado que adoeceu e logo faleceu.

Regis Gonçalves não traiu Lúcia Machado de Almeida. Pelo contrário, colocou-a no lugar merecido.

Eduarda Chacon Rosas

ACASO

Uma ideia, um pensamento, uma vontade
 Algo que poderia ter sido colocado de lado
 facilmente
 Mas não foi
 E algo que deu certo
 Foi e funcionou
 Que levou a uma mudança
 Um encadeamento de pequenas coisas
 Que parecem insignificantes, mas que
 Podem mudar o mundo
 O seu mundo ou o mundo todo

MAIS DO MESMO

Mais do mesmo não muda o que é
 Melhor deixar amar quando quiser
 Mesmo o menor tem um caminho a seguir
 Menor será mais simples de ser, viver e ir

Sim é palavra tão gigante de se entender
 E não é quase um palavrão a se dizer
 Talvez o sim seja a razão para seguir
 Talvez o não segure a mão, a resistir

Raul de Taunay

VIGÍLIA

Acordei em alvoroço,
 Uma voz me sussurrava:
 "Ore sempre, meu garoto,
 Sem orar a vida é nada."

Me arrastei até o jardim,
 Iniciar minha cruzada;
 Fiz um chá de alecrim,
 E suavizei minha carga.

A Coruja me advertiu
 Como velha camarada,
 Para eu lembrar do jasmim
 Que nos desperta a toada.

Comecei a antever
 Esta oração delicada,
 Que me fosse surpreender,
 Ao longo da madrugada.

Ai de mim se esquecer
 A razão desta jornada:
 Levar luz ao coração,
 Paz e bem na caminhada.

AO VENTO

Eu venho cantar ao vento
 Para dar vida aos lugares,
 Escrevo o que eu penso
 Reparando céus e mares.

Entrei pelo meu atalho
 Para encantar as rosas,
 E pulo de galho em galho,
 Entre as flores amorosas.

Eu vinha pela montanha
 Exaltando a cor dos vales,
 Meu cântico não arranha,
 Minha voz afasta os males.

Com as sandálias usadas
 Alcancei terras distantes,
 E andei pelas madrugadas
 Sob estrelas palpitantes.

E agora sigo meu caminho
 Que me leva pelos ares,
 Sem ter outros desatinos
 Deixo-lhes estes cantares.

UM MENINO SONÂMBULO E SEM PASSADO

Vera Lúcia de Oliveira

Aos domingos, o pai era inventor de rosas; de segunda a sábado, era cuidador de dentes. Admirado pelo filho, o dentista viúvo pai de sete filhos, como Francisco de Assis, cuidava com muito amor de seu jardim, cujas roseiras enxertadas eram um espetáculo à parte. É o que nos conta Silviano Santiago em *Menino sem passado* (SP: Companhia das Letras, 2021), livro de memórias.

Com sua escrita magnífica, o autor mineiro mergulha na vida da família e, com a franqueza que lhe é peculiar, expõe dores, mazelas e pequenas alegrias do clã a que pertence, em sua infância na cidade de Formiga, Minas Gerais, onde nasceu, em 1936, e viveu até os onze anos de idade.

Nesse extenso romance, nada escapa à observação minimalista do autor. A vida doméstica é escarafunchada, virada pelo avesso, primeiro pelo olhar do menino, autointitulado “sonâmbulo”, que passava entre os adultos como uma pequena sombra, vendo e registrando com seus olhinhos infantis a vida de todos da numerosa família de sete irmãos, prematuramente órfãos de mãe. Família que ainda aumentou com a chegada da madrasta Jurandy, que deu mais quatro filhos ao dentista Sebastião Santiago.

Depois, o olhar do adulto, continuará o relato.

E foi nessa família disciplinada pelo pai rígido, quase calvinista, de sorriso raro, avesso a excessos e comemorações de aniversários, que o sensível menino de pernas bambas e finas cresceu: “O menino é solitário e sonâmbulo e tem os olhos voltados para dentro da imaginação fantasmagórica. Só a ela obedece durante o dia” (p. 109). Solitário, vivia como que no mundo da lua com seus gibis e, mais tarde, com os filmes de guerra e aventura no Cine Glória, que despertaram o gosto e a paixão do futuro crítico de cinema e de literatura. Imaginação é o que não lhe falta como escritor de primeira grandeza das letras nacionais e de língua portuguesa, um dos pilares da alta literatura, como vemos em sua obra grandiosa, a exemplo

do premiadíssimo *Machado*, bem como *Em liberdade*, *O falso mentiroso*, *Uma história de família*, *Viagem ao México*, *Uma literatura nos trópicos* e outros mais de ficção e ensaios.

A casa do menino sonâmbulo era também local de trabalho do pai. Lá, em meio a clientes que abarrotavam a sala, o pequeno invisível circulava; além do jardim de domingo, havia o quarto dos fundos em que vivia Etelvina, empregada da família, com seu turbante branco muito limpo, que chama a atenção do menino/adulto:

Sempre me apaixonou o mistério da intimidade solitária do serviçal, e nada posso dizer sobre os sentimentos e as emoções da Etelvina do momento em que ela, terminada a função imutável, deixa a cozinha limpa e se recolhe à sua casinha, à beira do quintal. Nada posso dizer do que se passa antes do instante em que ela, no fim da madrugada, se adentra pela cozinha, acende a luz e põe fogo na lenha que aquece na trempe do fogão (pp. 28 e 29).

Pois é com essa humanidade que Silviano Santiago vai compor as suas memórias, com o olhar profundo que perpassa a camada da pele dos personagens penetrando-lhes a alma. Na escrita confessional, Vaninho (apelido de infância) conta-nos da falta da mãe Noêmia – ferida nunca cicatrizada –, dos cuidados da ruiva Sofia, babá com quem dividia a cama de solteiro, e da presença do pai, entretecendo presente e futuro no vai e vem da memória: a infância solitária na casa repleta de irmãos; os estudos na Sorbonne de Paris onde se doutorou em literatura francesa; a descoberta dos heróis musculosos dos gibis e do cinema, primeiras paixões avassaladoras; as visitas aos avôs, e muito mais. Identifica-se com o poeta Drummond no poema “Infância” que fala do menino solitário, e com Graciliano Ramos em *Infância*, memórias do mestre de infância igualmente solitária. A primeira lembrança, no entanto, vem do berço de onde via os pais por entre as grades, berço que fora seu até perdê-lo para o recém-chegado Haroldo. Nessa casa de camas divididas, a vida seguia o seu fluxo...

Na passagem memorável em que visita a catedral de Chartres, na França, os vitrais com perfis de chumbo fazem a Santa Ceia migrar até a ceia familiar através da memória do narrador como na cena da madeleine de Proust. E ainda com o comovente poema de Drummond “A mesa”, com a presença do patriarca homenageado pela família em seu aniversário. Assim, o narrador costura o belo vitral da catedral francesa com a mesa tradicional do interior mineiro do poema de Drummond e com a mesa de sua família. Um forte traço liga as três ceias, o de união, de sentimento religioso, bíblico. Sob o olhar austero e intimidante do pai, diz ele “A ceia familiar é situação imemorial. Obedece-se aos preceitos da ‘tábua da lei mineira da família’ – para retomar verso de outro poema de Drummond.”

As conexões e metáforas do romance/memória são surpreendentes. A partir da ideia de enxerto das rosas (no trabalho minucioso do pai jardineiro de domingo), o narrador, num processo de deslocamento, mostra o enxerto ocorrido na família com avós postiços, imigrantes, com rapto e aventuras, decadência, esterilidade, tio louco, adoção, madrasta e meios irmãos. Se não foi a ideal, foi, contudo, a família possível, real, com seiva de três troncos fortes, constituindo a saga que deu força moral ao menino franzino para seguir em frente, sem olhar para trás, em busca de seu futuro de grande intelectual. Da pequena Formiga até Paris, passando por Belo Horizonte para onde a família migrou, mais a formação no Rio de Janeiro, o então menino solitário torna-se forte leitor, concentrado e dedicado a uma vida inteira de estudos, e professor em universidades norte-americanas. O menino sonâmbulo fez e faz história.

Nesse romance denso, ensaístico, caudaloso como um rio, se há um peca-dilho é o da escrita em torvelinho na segunda e última parte, cujo final se torna um pouco redundante quanto à história da família no sul de Minas, com longas digressões, deixando o texto prolixo. Mas nada que possa ofuscar o brilho do trabalho monumental do fabulista fabuloso Silviano Santiago.

sôniahelenahelena

OUTONO

Julguei ser primavera,
mas saindo a caminhar
o Outono estava à espera.
Amarelas, verdes, ocre,
laranja, marrom claro, escuro,
cor de tabaco, de café maduro,
as folhas estavam lá.
No chão ou brincando no ar,
com seu cheiro, com seus sons,
como para me lembrar
de tempos que ainda não sei.

O sol brilhava e fugia.
Com sua luz fugidia
deixava a cinza chegar.
A brisa soprava suave,
o dia seguia a avançar.
Pássaros voavam a cantar
e eu ia a caminhar,
na Primavera-Outono
que, muito devagarinho,
nas asas do sonho e do vento,
levou-me para além-mar.

Sandra Maria

OH, MEU RIO!

Quem virou sua canoa
meu rio?
Quem causou a sua ira
e afogou seu povo?

No rio do meu sul
a água que é vida
inundou a natureza
A água que é beleza
transbordou a dor

Guaíba! Guaíba!
Acalma seus irmãos
Caí, Sinos e Gravataí
Taquari, Pardo e Jacuí

Ac(q)uados
pela correnteza
nós prometemos
lhes pedir perdão!

Lucilia Neves Delgado

FOGÃO A LENHA

Encobertas por fumaças as panelas de pedra guardam
Segredos,
Sabores,
Temperos,
Afetos,
Saudades.

Uma pontinha de pimenta para aquecer os corações.
Uma calda de doce de goiaba para renascer a meninice.
Um tempero caseiro para acolher nostalgias.
Um fogo em luz para manter viva a própria vida.

VIOLINO

Na neblina dos dias frios
Notas musicais brotam do violino.
Em ondas contagiantes a música ressoa.
Ouidos da natureza em festa antecipam-se à primavera.
O vento dança em arabescos de luz.
O olhar do menino que faz magia com dedos e arco
É encanto para além das tristezas.

Os dias frios transformam-se em suave calor.

SEMPRE-VIVA

Dizem que as sempre-vivas brotam
Quando o solo sonha.
Em química de luz e terra
Pequenas sementes explodem,
Tornam-se belezas florais.

Sempre-vivas em seu desenho original
São longevas luzes do sertão
A transmitir espanto,
A enfeitar pradarias e serras,
A eternizar a vida
Na vastidão chamada gerais.

ÁGUA

Na solidão das serras escarpadas
Límpida água corre caminhos.
Canta sons de orvalho a umedecer o solo,
Canta festa de corpos a se banharem em sua limpidez,
Canta alegria de plantas a sugarem seu frescor,
Canta dia e noite a benção de ser vida.

Estrada corredeira,
Maravilha transparente.

O FARMACÊUTICO QUE DRUMMOND NÃO FOI

Edmílson Caminha

Belo Horizonte, 2004. Quando a Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais transferiu-se para o *campus* da Pampulha, alguém teve a ideia, frequente no Brasil, de jogar fora “arquivos mortos” há muito esquecidos em armários, cobertos pela poeira do tempo. Inspirado por Deus, o então Diretor da Faculdade, Professor Gerson Antônio Pianetti, resolveu abrir aquelas caixas para ver exatamente o que continham – e encontrou papéis de valor histórico indiscutível para a casa que dirigia. Entre eles, documentos e provas de um aluno que estudara, de 1923 a 1925, na velha Escola Livre de Farmácia e Odontologia de Belo Horizonte, hoje pertencente à UFMG. Diplomou-se farmacêutico e, embora sem nunca aviar uma receita, entrou para a história da instituição, honrada por haver acolhido o futuro grande poeta Carlos Drummond de Andrade.

Em 2016, essa *memorabilia*, cuidadosamente preservada pelo Centro de Memória da Faculdade de Farmácia da UFMG, foi apresentada na exposição “Drummond: alquimia poética”, com cartas, fotos e documentos inéditos do ex-aluno famoso. Surpreendentemente, conservaram-se até as provas que fez ao longo dos três anos do curso, como uma de Toxicologia, em que discorreu sobre “envenenamentos criminosos, suicidas, acidentais e profissionais”. Além delas, o requerimento de matrícula, acompanhado da certidão de nascimento, atestados de bons antecedentes e de idoneidade, declaração de residência, prova de vacinação contra a varíola e declaração de que não era portador de doença infectocontagiosa – essa, assinada pelo pai, Carlos de Paula Andrade.

Aluno que não se distinguia pelas notas (apenas em Higiene, ao atingir a média 9,74, passou “com distinção”), Drummond teve apenas dois dias para escrever o discurso que pronunciou – em lugar do colega orador que adoecera – na colação de grau da turma com

apenas 13 formandos, entre os quais três mulheres. Gerson Antônio Pianetti o publicou na *Revista de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Minas Gerais*, em 1988.

Drummond fala na “carreira que abracei”, como se, “homem de laboratório”, fosse exercê-la, ideia a que volta no poema “A consciência suja”, do livro *Esquecer para lembrar*, publicado em 1979:

Vadiar, namorar, namorar, vadiar,
 escrever sem pensar, sentir sem compreender,
 é isso a adolescência? E teu pai mourejando
 na fanada fazenda para te sustentar?
 (...) Hesitas. Ziguezagueias. Chope não decide.
 Verso, muito menos. Teus amigos já seguem
 o caminho direito: leva à Faculdade,
 à pompa estadual e talvez federal.
 (...) Então, sei lá por que, tu serás farmacêutico.

Em carta ao colega Antônio Martins Amorim, com quem se corresponderia por 50 anos, copia os versos de “Final de história”, também publicado no *Esquecer para lembrar*, em que renuncia à profissão, ao pedir:

Faze tudo que eu devia
 fazer e que não farei
 por sabida incompetência:
 purgas, cápsulas, xaropes,
 (...) Vai, Amorim, sê por mim
 o que jurei e não cumpro.
 Fico apenas na moldura
 do quadro de formatura.

Drummond se forma em 1925, quando, apesar do cético que já devia ser, alude ao “momento em que para o país se desenham perspectivas mais amplas e puras”, com “a elevação do

nosso nível cultural” como “o grande índice da atualidade”. E diz que “o essencial é ter fé, e nós *temos fé*”, com o grifo (do autor agnóstico...) a dar ênfase ao verbo. Naquele tempo, achava-se o Brasil às voltas com inquietações militares do Tenentismo, que fizeram o então presidente da República, Artur Bernardes, governar sob estado de sítio. Simpatizante (mas nunca membro) do Partido Comunista, Drummond declara, talvez sob influência dos jovens oficiais da Coluna Prestes: “Os moços de hoje aprenderam a ter juízo” – afirmação polêmica, pelo que viriam a fazer, anos depois, os adultos em que se transformaram...

Divergências à parte, o texto de Carlos Drummond de Andrade prova o bom escritor que já era, apesar do receio de que em suas palavras agisse “o veneno da literatura”.

Abaixo, na íntegra, o discurso, pronunciado no dia 24 de dezembro de 1925, pelo farmacêutico que Drummond nunca viria a ser...

Escolhido, com dois dias de antecedência, para dizer adeus, em nome dos farmacêuticos de 1925, a esta casa já tradicional, nem um minuto sequer pensei em suplantar-vos com as manifestações de minha pretendida eloquência. Em primeiro lugar, o tempo demasiado escasso que se me concedia era poderoso entrave à elaboração de um discurso bem pensado. Em segundo lugar, posso afirmar, sem humildade nem humilhação, que sou pouco afeito à oratória. E digo – sem humilhação – porque, na carreira que abracei, esta senhora nada tem a ver. Considero a eloquência um simples substantivo, entre os milhares deles, masculinos ou femininos, que enxameiam o dicionário, sem nenhuma significação particular para mim, que me proponho ser um homem de laboratório e não um homem de tribu-

na. A sinceridade desta confissão basta para vos tranquilizar a todos quanto aos meus intuitos. Não vim dizer-vos palavras novas nem sensacionais; não pretendo debater nenhum dos problemas essenciais da nacionalidade, como parece ser de uso nos discursos de colação de grau; finalmente, não tenho a pretensão de salvar o Brasil. E creio que todos os meus colegas estão de acordo comigo.

Venho falar apenas, numa atmosfera íntima de mestres e companheiros, do sentimento que ora nos penetra e faz com que um laivo de comoção mal se disfarce no semblante de todos. Ousarei dizer que estamos tristes, que estamos alegres? Não sei. Não sabemos. Momentos como este provocam uma dupla reação em nosso espírito: misto de alegria e tristeza, o que experimentamos é uma sensação indefinível, em que se confundem o contentamento de ver concluída a jornada e o pesar dum afastamento imperioso. Acho difícil, senão impossível, analisar intimamente esta sensação. O melhor é senti-la em toda a sua plenitude, como uma dádiva do destino.

Pela mão da saudade, regressamos a esse passado de três anos, em que um pouco de nós mesmos ficou preso a estas paredes e fizemos a nossa incursão, ainda medrosa, nos caminhos da ciência. Que curto tempo foi esse, agora que o vemos distanciar-se irremediavelmente de nós! Foram três anos rápidos mas cheios. E balanceando nossa atividade, ao sentimento do dever cumprido se junta outro, igualmente legítimo: o sentimento de gratidão a todos os nossos mestres, que, numa eficiente conjugação de energias, afeiçoaram aos imperativos da vida prática mais uma geração de moços inexperientes. A todos, um por um, o nosso coração reconhecido envolve no mesmo afeto. Saudamo-los coletivamente na pessoa do nosso ilustre paraninfo, o jovem e eminente professor Almeida Cunha. E se nos for permitido formular um desejo, será o de que todos eles continuem a orientar-nos pelo futuro com as lições

amadurecidas de sua experiência.

Senhores:

Eu desejaria definir, de relance, o que se me afigura ser o nosso ideal coletivo. Alegremo-nos de ingressar na vida prática num momento em que para o país se desenhavam perspectivas mais amplas e puras. Digo isto sem otimismo. É verdade que não há indícios palpáveis, imediatos, dessa alvorada. Mas os que conhecem o mecanismo celular das nações, avaliam, pela sutileza de certos índices espirituais, a proximidade de tais momentos. E o grande índice da atualidade é a elevação do nosso nível cultural. Com efeito, assistimos à formação e à fixação de verdadeiras elites, que em breve, queiram ou não queiram os profissionais do desânimo e da ironia, serão os diretores da nossa atividade e centralizarão todas as energias criadoras da pátria. Será uma segunda descoberta do Brasil, não tão patética, porém tão expressiva quanto a primeira, efetuada (salvo melhor juízo) pela gente destemerosa das bandeiras.

O momento é, portanto, de construção, e não de reconstrução, como querem alguns espíritos menos avisados. Pois é a essa obra de construção geral, tornada possível por uma cada vez mais rigorosa especialização de funções, que vimos trazer o nosso modesto contingente. E creio que ninguém poderá sorrir de nossa atitude. Um país não se compõe somente de estadistas: compõe-se também de técnicos, que nas diferentes esferas de sua atividade podem servi-lo tão bem como os ideólogos nos seus gabinetes e os políticos nas suas assembleias. O essencial é ter fé.

E nós temos fé.

Pertencemos a uma geração nitidamente espiritualista e idealista. Somos crentes. Somos brasileiros. Temos necessidade de afirmação. Repudiamos o criticismo estéril e o ceticismo dissolvente importados em má hora dos países mais decadentes da Europa. Esperamos que ninguém veja nessa atitude um simples produto daquela ingenuidade que sempre foi

tida como apanágio dos moços. Os moços de hoje aprenderam a ter juízo. Nosso idealismo é pragmático; não ama o lirismo nem a declamação. Por isso mesmo não pretendo entreter-vos mais tempo com ele: seria um fluxo, inútil e talvez perigoso, de palavras: seria o nosso próprio desmentido... E daí, não vos prometi um discurso literário, antes expressamente declarei que ia mesmo fazer o contrário disso. Não sei se o consegui, isto é, se expurguei totalmente de minhas palavras o veneno da literatura. No caso afirmativo, será para mim uma pequenina mas consoladora glória. Se bem que, a respeito desta última, eu tenha a mesma opinião do luminoso Joaquim Nabuco. Opinião muito simples, muito justa, que envolve todo um programa sério de vida, e que por isso mesmo não hesito em recomendar a todos os meus colegas: "O mais prudente é passar pela glória como a raposa pelas uvas, que estavam altas demais, e contentar-nos com o dever e o trabalho, que estes nunca estão verdes para quem os quer alcançar..."

Carlos Drummond
24.12.25

Cópia das sete páginas manuscritas do discurso foi enviada a Pedro Augusto Graña Drummond, neto do poeta, por Teresa Guerra, de quem Drummond era tio-avô.

Segue-se mais uma, datada de 6 de fevereiro de 1926, em que o orador se despede de um professor da Faculdade de Farmácia, a quem deixa os originais do que dissera na colação de grau:

Dr. Roberto

Estive aqui para lhe apresentar minhas despedidas, pois sigo 2ª feira para Itabira do Mato Dentro. Aqui fica também o "discurso" que lhe prometera. Recomendando-me à sua Exma. Sra., sou
O discípulo e
amigo

Carlos Drummond